

Sarney resiste à emoção na hora do adeus ao Planalto

BRASÍLIA — "Presidente, em cinco anos, eu nunca vi o Senhor chorar. Será que nem no último dia, o Senhor vai se render?", perguntou o Presidente da Radiobrás, Antônio Martins, ao Presidente José Sarney, logo depois de ele ter acabado de gravar o pronunciamento de despedida do Governo, que foi ao ar ontem à noite, em cadeia nacional de rádio e televisão. A resposta foi curta.

— Meu filho, eu nunca choro por fora, eu sempre choro por dentro.

Sarney não derramou lágrimas no seu último dia de Governo. Com a pressão a 11,5 por 8 e o coração a 82 batimentos por minuto, ele estava com um "estado mental e emocional surpreendentes", conforme contou o Dr. Messias Araújo, o médico da Presidência, pouco depois de fazer pela manhã, no Palácio da Alvorada, o último exame clínico no Presidente.

O Presidente aguentou bem as emoções do último dia. O mesmo não aconteceu com seus assessores diretores. Na hora da gravação do programa, Antônio Martins, o assessor Joaquim Campello e até os técnicos da Radiobrás choraram. Foram dois pronunciamentos: um de 14 minutos, transmitido nacionalmente em que faz um balanço do Governo; outro de cinco minutos, transmitido só no Maranhão, em que fala das realizações no seu Estado.

O último dia de Governo de Sarney começou cedo. As 9h10m, um helicóptero da FAB, trazendo-o do Sítio de São José do Pericumã, pousou na Base Aérea de Brasília para a despedida dos pilotos do Grupo de Transporte Especial (GTE), que comandaram o Boeing presidencial durante os cinco anos de seu mandato.

No Palácio do Planalto, o Presidente às 12h30m em uma audiência protocolar, recebeu o chefe da missão especial japonesa para a posse de Collor, o ex-Primeiro-Ministro Noboru Takeshita, que foi agradecer a



Sarney se despede dos funcionários

presença do Presidente, ano passado, nos funerais do Imperador Hirohito. As 17h, recebeu então os cumprimentos das 125 delegações estrangeiras que vieram para a posse de Collor. Com o cancelamento da audiência com o Presidente de Cuba, Fidel Castro, que não veio por causa do atraso do avião, resolveu, no final da tarde, quebrar o protocolo para ir até o Comitê de Imprensa e cumprimentar os jornalistas.

— A imprensa é o pulmão da democracia — disse, para depois distribuir autógrafos e beijinhos para os jornalistas.

A noite recebeu, na Granja do Torto, os Chefes de Estado estrangeiros para um churrasco. Quando perguntado se diria "me esqueçam", como fez o ex-Presidente João Figueiredo ao deixar o Governo, respondeu:

— Jamais esquecerei o povo brasileiro nem vocês.

PELA TELEVISÃO, UMA DESPEDIDA VEEMENTE

'Vivi horas de desencanto, quase desespero'

BRASÍLIA — O Presidente José Sarney ocupou ontem, durante 14 minutos, cadeia nacional de rádio e televisão para fazer a sua despedida do Governo. No pronunciamento, Sarney desejou êxito ao seu sucessor, Fernando Collor de Mello, reconheceu que deixa o País em grave crise econômica, mas disse ter a consciência tranquila por ter ajudado a consolidar a democracia no Brasil.

— Tenho a consciência tranquila porque exerci o Governo com a coragem de ser tolerante, com a arma da paciência, com a força da minha fé, com a correção do meu comportamento — afirmou o Presidente.

No pronunciamento, cheio de frases poéticas, bem ao seu estilo, Sarney disse que conheceu tanto a dor da derrota quanto a alegria dos sucessos e das vitórias.

— Vivi a agonia de cada dia, a luta de cada instante, conheci o gosto amargo de dias em que sangraram

lágrimas, as flores murcharam, amigos fugiram, vivi horas de desencanto, de quase desespero. Mas também tivemos dias de sonhos, de esperanças, de grandes lealdades, de grandes alegrias, de ver e testemunhar gestos de grandeza.

O Presidente mencionou o avanço da democracia, nos cinco anos de seu mandato, em que houve ampla liberdade de imprensa, de associação e de organização sindical.

— O País saiu da longa noite sem os olhos vermelhos do pesadelo.

Confessou o fracasso na solução dos problemas econômicos, mas acrescentou:

— A economia é o efêmero, é um dado que atinge o presente, está em constante mutação e pode ser corrigida a qualquer momento.

Finalizou, dizendo que espera que a História reconheça seu Governo como um tempo de liberdade.